



Daniel Bispo da Luz Filho (Café Paulo Freire Bahia) // BA, Brasil “Na ilustração busco retratar essa caminhada que a pedagogia de Paulo Freire percorre. De Angicos para a África e do Brasil para o mundo. Nessa trilha o livro é um elemento lúdico, mágico que transborda símbolos e imagens que vão dialogando com as narrativas educacionais, culturais, amorosas, de luta e resistência tendo como elemento central a figura de Freire e em seu entorno títulos de algumas de suas várias criações. Os livros de Paulo Freire pertencem ao mundo! Assim como a sua pedagogia.”

1 Resenha

A África ensinando a gente: Angola, Guiné- Bissau, São Tomé e Príncipe - Paulo Freire e Sérgio Guimarães

Maria de Lourdes Tiemi Ide¹

“Um povo sela sua libertação na medida em
que ele reconquista sua palavra”
Paulo Freire

Este livro foi publicado em 2003 e seus autores nos convidam para um diálogo vivo e muitas reflexões através dos registros e das memórias sobre as experiências de educação popular dos movimentos de libertação de Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, contra o império português, após séculos de colonização, bem como o início de uma trajetória histórica de reconstrução nacional desses países. Além disso, nos traz muitas inquietudes e vivências sobre a luta do povo africano, com suas contradições e riquezas, que no atual processo de globalização, precisa ser visto com sua identidade cultural própria.

1 Professora de Geografia, psicodramatista, educadora popular e assessora no movimento sindical cutista na área da formação

Sérgio Guimarães, entre sua vasta experiência na área da educação foi perito em linguística da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Ministério da Educação de Angola em um projeto de formação para professores de ensino de base, foi oficial de comunicação do Fundo das Nações Unidas para infância (UNICEF) em Moçambique, Angola e Guiné Bissau. Esses trabalhos lhe permitiram trazer em sua bagagem muito conhecimento, muitas formas de compreender e interpretar as diferentes realidades desse vasto mundo.

As conversas iniciais desse livro são de um tempo em que Paulo Freire estava no exílio, onde atuou no Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas (CIMI), em Genebra. Esta oportunidade lhe possibilitou desenvolver ações em muitos continentes, mas principalmente, com alguns países da África, de língua portuguesa, que estavam em processo de libertação e que lhe traziam muita alegria, como nos conta Anita Freire, no prefácio da obra:

trabalhar com o continente africano fazia Paulo nutrir a ilusão de que “voltava para casa”, quando saía da fria e inodora Suíça para contribuir na constituição, através da educação, das novas nações africanas. Sentia muita semelhança daqueles lugares com o Brasil, o que o fazia sentir saudades e esperança de voltar ao Brasil ...as vezes apenas chupando mangas, saboreando banana ou almoçando peixe ao leite de coco ou cachupa. (FREIRE, P.; GUIMARÃES, S.; 2011; p25)

Os capítulos estão divididos entre os debates realizados com Freire, gravadas por Sérgio Guimarães, na Universidade de Lyon, na França, e as experiências específicas de alfabetização em São Tomé e Príncipe, Angola e Guiné Bissau, esses últimos através de entrevistas com educadores, educadoras e lideranças envolvidas nos programas de alfabetização, durante a reconstrução nacional, e suas percepções e aprendizados da convivência com Paulo Freire, há 25 anos atrás. Essas conversas também foram realizadas por Sérgio Guimarães no início dos anos 2000, já após o falecimento de Paulo Freire.

Freire deixa explícito que os estudos realizados em outros países partem sempre de um princípio fundamental que é o de não levar um diagnóstico pronto e pré-concebido, mas sim compreender a realidade junto às populações locais, com o povo, por isso ele sempre caminhava pelas cidades e zonas rurais, onde compreendia o modo de vida, as riquezas e particularidades de cada lugar. Outro ponto

considerado era sua crença que os programas de alfabetização, no processo de reconstrução nacional, deveriam ser inseridos nas estratégias de desenvolvimento dos países, sem o qual dificultaria o processo de libertação colonialista.

A primeira parte denominada Um debate de salão, capítulo 1 “Este aprendizado que a África me oferece” é um diálogo realizado na Universidade de Lyon com alunos e professores, que nos traz duas reflexões. A primeira se refere a identidade cultural diante da escolha da língua, nesses países havia uma língua chamada oficial, o português (do colonizador) e outra nacional (língua veicular). Porém, existiam várias outras línguas chamadas nacionais, não apenas uma, então qual escolher? Essa questão não era meramente linguística, mas sim política, pois isso causava desigualdades, por exemplo, nos centros urbanos em Angola se falava o português e nas zonas rurais não, esse fator dificultava o movimento de libertação política e a construção de uma identidade ética e cultural. Amílcar Cabral, ilustra essa ideia quando diz “que a luta pela libertação é um fato cultural e fator de cultura.” (FREIRE, P.; GUIMARÃES, S.; ANO 20011; p.40)

Na opinião de Freire, no caso da Guiné Bissau, há o crioulo, muito falada no país todo e que no período de libertação se constituiu um importante instrumento de comunicação entre os diversos grupos étnicos, então ao invés de realizar programas de alfabetização em massa em português, poderia se desenvolver o crioulo, que ainda não possuía uma forma escrita, e tornar o português ao longo do tempo como uma língua estrangeira. E a segunda questão diz respeito a superação da herança colonial para criação de um novo sistema educacional, que deixe de ser elitista e reacionário, para um tipo de educação em que tenha como base o trabalho e que rompa com a dicotomia entre trabalho manual e intelectual.

A segunda parte, sobre São Tomé e Príncipe, no capítulo 2, “Prática para aprender: Caminhos de São Tomé”, é um diálogo sobre a elaboração de materiais de apoio aos programas de alfabetização, os Cadernos de Educação Popular, que tinham a prática como fonte de conhecimento para que o educando nesse processo pudesse pensar de forma crítica a sua realidade.

Do capítulo 3 até o final do capítulo 8, Sérgio Guimarães entrevista educadores e educadoras que participaram ativamente do processo de reconstrução nacional em Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, que além de se constituírem lideranças na luta pela independência, foram também responsáveis pelo desenvolvimento dos programas de alfabetização em seu país.

Essas entrevistas foram coletadas no início dos anos 2000, já após o falecimento de Paulo Freire, com as seguintes pessoas: Alda do Espírito Santo

(Ministra da Educação) e Sinfrônio Mendes (Professor e Coordenador do ensino primário) de São Tomé e Príncipe, Lúcio Lara (um dos fundadores e membro da direção política do Movimento de Libertação de Angola), Pepetela (Professor dos Centros de Instrução Revolucionária) e António Burity da Silva (Ministro da Educação em 2001), de Angola; e Mário Cabral (Comissário de Educação e Cultura) de Guiné-Bissau.

Na memória desses importantes atores históricos da luta pela independência nesses países, surgiram as importantes contribuições de Freire para a educação. O desafio etnolinguístico de realizar campanhas de alfabetização em massa para uma população que se comunicava em várias línguas, as lembranças da “boniteza” dos processos dialógicos que Freire construía com os educadores e educadoras sobre a importância da metodologia, do pensar e repensar a prática diante dos problemas cotidianos, de compreender como a escola do colonizador procurava manter o sistema colonial com a desvalorização de toda riqueza histórica dos povos. Também os relatos apresentados sobre os Centros de Instrução Revolucionária em que se verifica a existência de uma formação integral, composta por uma formação geral, política e militar, aspectos de uma verdadeira escola revolucionária, de libertação.

Porém, os atores não deixam de problematizar e mostrar suas inquietudes sobre o “que deu errado”, onde ocorreram as “falhas”, a origem e a repetição dos problemas e críticas às responsabilidades dos partidos e do Estado no processo de reconstrução nacional.

Mário Cabral, de Guiné Bissau, traduz o trabalho realizado por Freire da seguinte maneira:

Um aspecto muito importante é a sua Pedagogia da Liberdade, de uma abertura para não ficar enquadrando em uma metodologia rígida ...de fato um homem político, com uma capacidade de síntese e de uma capacidade de diálogo muito grandes. Era um homem que ouvia muito e, sobretudo que observa ainda mais. Com essa observação, ele ajudou muito a classe revolucionária -que queria queimar etapas- a guardar um bocadinho mais de fosforo, para com essa queima, não queimar o essencial. (FREIRE, P.; GUIMARÃES, S.; 2011; p.200)

No final da obra temos dois Anexos, o primeiro é um estudo sobre o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), instituído no Brasil em 1967, e os fundamentos teóricos do Método de Paulo de Freire e o segundo, são cartas

contendo exemplos de materiais sobre o ensino da língua portuguesa aos professores angolanos.

Encerro com um convite para leitura dessa obra, escrita com muito capricho e que tem o sabor de uma boa manga, daquelas que Paulo Freire devorava quando estava na Guiné Bissau, feito menino dos mocambos do Recife. Muito temos em comum com esses países, nossa luta pela descolonização é permanente.



Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. *A África ensinando a gente: Angola, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe*. 2 ed. Paz e Terra. São Paulo. 2011.